

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

JANICE SILVA GAVIOLI

TRÁFICO NEGREIRO: A DIÁSPORA DE UM
CONTINENTE

JUIZ DE FORA
2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GAVIOLI, Janice Silva.

TRÁFICO NEGREIRO : A DIÁSPORA DE UM CONTINENTE / Janice Silva GAVIOLI. – 2017.

49 p.

Orientador: Elaine Ribeiro da Silva dos SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. , 2017.

1. Tráfico de escravizados. 2. História da África. 3. Jogo Lúdico.
I. SANTOS, Elaine Ribeiro da Silva dos, orient. II. Título.

JANICE SILVA GAVIOLI

TRÁFICO NEGREIRO: A DIÁSPORA DE UM CONTINENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História da África da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para a obtenção do título de especialista em História da África.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Ribeiro da Silva dos Santos

Juiz de Fora
2017

Ao meu pai, Jair Gavioli Filho, que acreditou em meu potencial, não poupando esforços em me conceder uma formação plena, minha eterna gratidão.

Agradecimentos

Agradeço, a minha orientadora, professora Dr^a Elaine Ribeiro da Silva dos Santos, que através de seus conselhos, possibilitou que esta pesquisa se concretizasse. Agradeço também sua compreensão e paciência ao longo dessa jornada.

Como não poderia deixar de ser, agradeço aos meus pais, Jair Gavioli Filho e Elenice Maria da Silva, por estarem sempre ao meu lado e serem pessoas fundamentais em minha vida. Agradeço também aos meus amigos que entenderam minhas ausências, principalmente nas sextas-feiras, pois sabiam que estava em busca de um futuro melhor.

Por último, não poderia deixar de agradecer ao meu companheiro Jimmy que esteve ao meu lado nesta caminhada e me incentivou nos momentos mais difíceis.

Resumo

O presente trabalho de conclusão de curso visa desenvolver um jogo sobre o Tráfico Atlântico de escravizados, entre os séculos XVII e XIX. Com base em estudos históricos, o objetivo foi contribuir com a produção de recursos didáticos lúdicos capazes de aprofundar o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de História nos anos finais do ensino fundamental.

Palavras-chaves: Tráfico Atlântico de escravizados, Ensino de História da África, Jogo, Lúdico.

Abstract

The present work of conclusion of course aims to develop a game on the Atlantic Slave Trade, between the centuries XVII and XIX. Based on historical studies, the objective was to contribute with the production of playful teaching resources capable of deepening the teaching-learning process in History classes in the final years of elementary school.

Keywords: Atlantic Slave Trade, Teaching African History, Play, Ludic.

SUMÁRIO

Parte I – Apresentação do material didático.....	6
1. Introdução.....	6
2. O jogo: tema, estruturação e a quem se destina.....	7
3. Conteúdos mobilizados para o jogo.....	9
4. Conclusão.....	16
Referência Bibliográfica.....	17
Apêndice.....	19
Parte II – Material Didático.....	34
1. Fotos.....	34
Parte III – Portfolio.....	36
1. Reescrita da Carta de Intenção.....	36
2. Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis.....	39
3. Proposta Pedagógica.....	40
4. Considerações Finais.....	47

Parte I: Apresentação do material didático

Introdução

O uso de recursos lúdicos no ensino de História tem como objetivo torná-lo mais agradável e motivador. Atualmente, uma grande parte dos alunos não despertou o interesse pela disciplina de História por achá-la decorativa e pouco atraente. A busca por inovações metodológicas, como os jogos, por exemplo, estimula a sociabilidade e o desenvolvimento cognitivo do aluno. Ao utilizar estes recursos, o professor de História busca ensinar de forma descontraída, motivadora e incentivadora.

A exploração do aspecto lúdico, pode se tornar uma técnica facilitadora na elaboração de conceitos, no reforço de conteúdos, na sociabilidade entre os alunos, na criatividade e no espírito de competição e cooperação, tornando esse processo transparente, ao ponto que o domínio sobre os objetivos propostos na obra seja assegurado (apud FIALHO, 2008, p. 12300).

Alguns tipos de jogos, por exemplo, faz com que o educando tenha que estudar previamente para ter êxito no jogo. Outros proporcionam o aprendizado durante a partida. No entanto, é importante deixar claro que estes materiais lúdicos complementam as aulas expositivas e não substituem a utilização do livro didático. Este último recurso didático não pode ser abandonado, pois constitui em muitos casos o único contato do aluno com o conteúdo da disciplina estudada.

O desenvolvimento de materiais didáticos voltados para o ensino de História da África tem como objetivo fortalecer identidades, antes silenciadas e por outro lado difundir o protagonismo da África na História da humanidade, além de sua influência direta na cultura e etnia brasileira. É importante salientar as

contribuições históricas, científicas e culturais da população negra na formação da sociedade brasileira, o preconceito, discriminação e racismo ainda perpetuam na educação e nas relações étnico-raciais, principalmente, em grande parte das escolas de educação básica do país, conforme resultados de pesquisas divulgadas por inúmeros estudiosos (SILVA, 2016).

Os estudos dos africanos como protagonistas de sua história devem ser abordados na sala de aula e a produção de recursos didáticos que versam sobre este tema é muito importante. Já que, a maior parte dos livros didáticos ainda hoje trata basicamente dos povos africanos, a partir de seu papel como força de trabalho na sociedade colonial escravista, os

textos pouco se estruturam de modo a priorizar a vida em África e as relações dinâmicas entre africanos e traficantes. Como afirma a historiadora Hebe Maria Mattos:

Esta formulação clássica da nossa historiografia produz como efeito uma relativa naturalização da escravidão negra como simples função da cobiça comercial europeia, escamoteando a face africana do tráfico, essencial para o entendimento da sua dinâmica e durabilidade. Essa naturalização da escravidão negra, a partir de uma premissa que torna o tráfico negreiro um fenômeno histórico, econômico e cultural derivado apenas da história europeia, é fruto do desconhecimento da história africana e de sua importância na articulação do mundo atlântico, presente na formação de pesquisadores e de professores brasileiros. (MATTOS, 2003, p. 133)

A partir da implementação da lei 10.639/03 temos um aumento significativo da publicação de livros didáticos, paradidáticos e de literatura infanto-juvenil que abordam as temáticas africanas, no entanto, a produção ainda é escassa se pensarmos em outros materiais didáticos além dos livros, tais como os jogos. Desta forma, a escolha pela criação de um jogo como material didático para o trabalho de conclusão do curso Pós-Afrikas visa contribuir com o desenvolvimento de recursos didáticos lúdicos relacionados com as temáticas africanas para alunos dos anos finais do ensino fundamental II.

O jogo: tema, estruturação e a quem se destina.

O jogo criado para este trabalho de conclusão de curso tem como tema o tráfico transatlântico de escravizados, entre os séculos XVII e XIX. A importância deste jogo é motivar os alunos, com o objetivo de incentivá-los a pesquisa através da curiosidade de compreender os fatos históricos presentes no jogo. Outro objetivo de grande importância é desconstruir certos conceitos, pois o ensino de História legitimou por muito tempo estereótipos que foram utilizados para depreciação dos africanos escravizados, como imagens e símbolos.

Por muitos anos foi difundido nos livros didáticos de História a passividade dos africanos frente à escravidão. No entanto, pesquisas acadêmicas apontam, por exemplo, que em Cabo Verde, um dos pontos importantes da rota dos navios negreiros no oceano Atlântico, a população desenvolveu técnicas de resistência ao domínio português utilizando o tambor como meio de comunicação. O tambor acabou sendo proibido pelos portugueses nesta região, como afirma o historiador senegalês Charles Akibodé (HENRIQUES, 2016), e esta seria a origem da prática cultural do uso do corpo em substituição do tambor pelas mulheres cabo-verdianas.

O jogo aborda as questões que permeiam o tráfico de africanos escravizados, desde sua saída da África até o desdém de chegar ao Brasil. Este que foi um dos maiores deslocamentos de pessoas na história da humanidade também foi um negócio internacional que criou uma teia comercial e entrelaçou o destino de três continentes (África, Europa e América).

Para desenvolver o jogo, inspirei-me no projeto dos alunos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que desenvolveram um dominó histórico para turmas do ensino médio. Neste projeto, seus participantes apresentam a estrutura do jogo da seguinte forma:

as peças são divididas em duas partes, sendo de um lado a imagem e do outro uma pequena contextualização sobre ela. Assim, os alunos teriam que relacionar o texto com a figura, estimulando a interpretação de imagens históricas. Sua realização consiste na formação de grupos, e com as peças do jogo misturadas e viradas para baixo. Em seguida, os alunos escolhem e apanha uma peça, dando seguimento a interpretação feita sobre elas. (LIMA, SILVA, SOARES, SOUZA, 2013, p.7)

Essa forma de estruturação do jogo foi a que coloquei em prática na criação do meu material didático, ou seja, segui a regra básica de relacionar figura com texto correspondente.

Em relação aos gastos para confeccionar o jogo é importante levar em consideração o tamanho da turma e se o colégio possui verba para custear a compra de material para produzi-lo. Por isso, caso o colégio disponha de poucos recursos para execução de projetos pedagógicos pode-se confeccionar um só jogo e dividir a turma em dois grupos. Cada grupo terá um representante que irá virar as cartas (as peças de dominó podem ser substituídas por cartões de papelão, conforme explicitarei adiante) e mediante as decisões da equipe escolher qual será a próxima carta que irá formar par com a já escolhida pela outra equipe. No entanto, se o colégio dispor de mais recursos poderão ser feitos mais jogos visando a participação de um menor número de pessoas por equipe.

É interessante afirmar que do ponto de vista metodológico no processo de ensino-aprendizagem, o aluno adquire conhecimento por meio da brincadeira. Essa aquisição de conhecimento é possível porque o estudante tem um papel ativo ao jogar o dominó histórico.

Também reforça esse papel ativo do aluno, quando os professores confeccionam o próprio jogo com a sua turma. Neste caso, o professor levaria as imagens e os textos e os alunos pensariam e organizariam o dominó a partir da formação das peças, juntando imagens e textos. Outra possibilidade seria o professor, antes da produção do jogo, promover

atividades de pesquisas para que os próprios alunos escolhessem as imagens e os textos a serem utilizados no jogo.

Como dito anteriormente este material complementa aulas tradicionais e por isso deve ser utilizado, a partir do momento em que o aluno já tem um conhecimento a respeito do tema. Já que para ter êxito ao jogar o aluno precisa de conhecimento prévio.

Os materiais utilizados para produzir o jogo, que intitulei de *Dominó Histórico: tráfico de vidas da África para o Brasil*, foram:

- papelão cinza,
- folhas de vinil adesivo e
- tinta para papel.

Optei pelo papel cinza, que possui espessura de 2,3 mm, por ser mais resistente ao manuseio. As folhas de vinil adesivo imprimi em uma gráfica rápida para obter imagens nítidas, porém é possível colar imagens de revistas ou internet, entre outras opções. Cortei as folhas de papel cinza em formato de retângulo, em seguida cortei as imagens com os textos impressos na folha de vinil adesivo sobre o tema do jogo, sendo que cada imagem com o texto corresponde a uma peça. Após cortar todo o material comecei a colar uma a uma nos retângulos de papelão cinza, de modo a formar as peças Dominó Histórico: tráfico de vidas da África para o Brasil. Para dar acabamento às peças, no verso de cada uma delas colei o vinil adesivo preto e pintei com a tinta para papel as bordas de preto. Foram feitas ao total vinte e oito peças, como no dominó tradicional. Escolhi o vinil adesivo, porque este material pode molhar e também não irá se desgastar com o suor das mãos dos alunos ao manuseá-lo.

Este tipo de jogo pode ser desenvolvido para todos os conteúdos abordados nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), de forma que qualquer professor pode desenvolver seu jogo. É necessário, porém, pesquisa para a escolha das imagens e desenvolvimento de textos para formarem os pares do jogo.

O meu *Dominó Histórico: tráfico de vidas da África para o Brasil* foi desenvolvido para os alunos do sétimo ano do ensino fundamental II, pois na referida série eles estudam a diáspora dos povos africanos. A migração forçada de milhões de cativos para a América.

Conteúdos mobilizados para o jogo:

O jogo englobou vários aspectos da história do tráfico atlântico de escravizados:

- A temporalidade.
- Os principais portos de saída na África e chegada no Brasil.
- A travessia.
- A resistência das pessoas traficadas.
- O tempo de viagem dos portos africanos para os brasileiros.
- O número de africanos trazidos à força para o Brasil.
- Os tipos de navios utilizados no período abordado.
- A arquitetura dos barracões onde os escravizados eram colocados antes do embarque nos navios.

A temporalidade que o Dominó Histórico: tráfico de vidas da África para o Brasil abrange é entre o século XVII e o século XIX, porque este período cresce o número de escravizados africanos enviados ao Brasil, em função das atividades econômicas desenvolvidas aqui e voltadas para o consumo dos europeus. A partir do século XVII até o fim da escravidão vemos um envio sistemático de cativos para suprir a demanda de mão de obra para as atividades açucareira, mineradora e cafeeira, sendo estas os principais pilares da economia, durante o período colonial e imperial. Neste período, temos o envio de mais de cinco milhões de escravizados para o Brasil, de acordo com o *site Slave Voyages*. Dessa forma, nosso país foi um dos que mais recebeu mão de obra escravizada nas Américas.

As principais regiões de saída de africanos para o Brasil, segundo informações do banco de dados disponível no *site Slave Voyage* foram: Senegambia, Costa do Ouro/ Costa da Mina, Golfo do Benim, Golfo do Biafra, África Centro-Occidental (Congo/ Angola) e sudeste da África (Moçambique). No Brasil as principais regiões de entrada foram Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

A escravidão na África era uma prática antiga, mas havia diferentes formas de escravidão entre as sociedades africanas. Em algumas sociedades, os escravos podiam ser absorvidos ao grupo por casamentos, em outras, seus descendentes tornavam-se livres da condição de cativos e em várias outras, não conseguiam mudar de condição e legavam aos seus descendentes a condição de escravizados (COSTA e SILVA, 2002). O tráfico de escravizados já existia em direção ao norte e ao mar Mediterrâneo desde o século VII e abastecia a rota transaariana. Os traficantes europeus ao chegarem a costa africana se adaptaram ao comércio de escravizados e de outros produtos como o ouro. Contudo, devemos lembrar que são as demandas dos europeus que reestruturaram a escravidão na África. Os

agentes políticos africanos participam ativamente desse negócio, diversificando seus interesses comerciais e mantendo uma relação com os europeus que, com o passar do tempo, demandavam cada vez mais mão de obra escravizada. Os europeus não adentravam o território africano, mas faziam negócios com os comerciantes locais para obter cativos. Como cita Marcus Redkiner:

(...) no “comércio via barcos, praticado nas muitas áreas em que não haviam fortalezas, os negócios geralmente eram feitos no convés superior do navio negreiro (...) Essa modalidade às vezes era chamada de “comércio negro”, porque em grande medida era controlado por comerciantes africanos, alguns representando grandes nações traficantes, outros em nomes de grupos de tamanho mediano ou ainda menores, de região para região. (REDIKER, 2011, p. 88)

Até a segunda metade do século XVIII os baianos eram os grandes responsáveis pela entrada de cativos no Brasil. A partir de 1710, o tráfico atlântico para a Bahia, mas especificamente Salvador, enfrentou uma série de dificuldades: concorrência; aumento da demanda e conseqüentemente aumento do preço dos escravizados, devido a produção de açúcar no Caribe; rivalidade com a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais; navios brasileiros saqueados por holandeses e conflitos entre reinos na África que impossibilitavam o desembarque da tripulação para abastecimento dos navios.

Porém a maior dificuldade enfrentada pelos baianos foi a entrada do Rio de Janeiro no comércio negreiro. Todas as dificuldades poderiam ser enfrentadas, devido a venda de escravos em Minas. Entretanto, a primazia baiana esbarrou na inserção dos comerciantes da praça mercantil do Rio de Janeiro no tráfico, incentivada pela abertura do caminho novo para a região das Minas Gerais, o qual era mais curto do que aquele entre as Minas e Salvador, como afirmam os historiadores Manolo Florentino, Alexandre Vieira Ribeiro e Daniel Domingues da Silva (2004, p.86).

Dessa forma, o porto do Rio de Janeiro conseguia em menos tempo abastecer a região das Minas que Salvador e foi essa nova conjuntura que proporcionou aos traficantes cariocas tornarem-se os principais fornecedores de cativos para as Minas Gerais. Ainda de acordo com Florentino, Ribeiro e Silva (2004, p. 87) a diminuição do tempo da viagem entre o porto carioca e as Minas possibilitou a redução dos custos e a manutenção dos escravizados com a diminuição das fugas e da mortalidade. Estes fatores contribuíram para que os escravistas cariocas e mineiros tivessem uma maior capacidade de reinvestimento no tráfico atlântico.

Estes africanos escravizados em sua grande maioria eram enviados para a região das Minas. A partir da descoberta do ouro, o preço dos escravos quadruplicou, ou seja, apesar das

dificuldades da travessia transoceânica, o comércio de escravizados era extremamente rentável.

As condições vividas pelos africanos durante a travessia eram desumanas. Como o tráfico era um negócio, os traficantes tratavam os escravizados como mercadoria. As terríveis condições da viagem foram desta forma descritas pelo historiador David Eltis:

Fosse qual fosse o caminho percorrido, as condições a bordo refletiam o status de excluídas que marcava as pessoas aprisionadas no porão. Nenhum europeu — fosse condenado, servo temporário ou imigrante livre miserável — jamais foi submetido ao ambiente que recebia o escravo africano típico no momento de embarque. Eram separados por sexo, mantidos nus, amontoados, sendo os homens acorrentados por longos períodos. Nada menos do que 26 por cento das pessoas a bordo eram classificadas como crianças, um índice do qual nenhuma outra migração anterior ao século XX sequer se aproximou. (ELTIS, 2007).

Este ambiente insalubre dos porões dos navios provocou a morte de muitos africanos, porém este número de mortandades era extremamente variável em cada expedição. As principais causas de morte durante a travessia eram: escassez de água e alimentos, maus-tratos e doenças. Na década de 1820, de acordo com fontes pernambucanas analisadas por Florentino, Ribeiro e Silva (2004), as doenças que mais acometiam os escravos embarcados em Luanda, na África centro-ocidental, eram: varíola, escorbuto, sarampo, oftalmia e maculo. A disenteria também era uma doença que afetava os embarcados na região da África banta.

Apesar de poucos registros sobre revoltas de africanos a bordo dos navios negreiros, devido a falta de relatos por parte desses e dos traficantes, os estudiosos do tema sugerem que as rebeliões eram mais sistemáticas do que podemos pensar. Alguns historiadores defendem que as rebeliões ocorriam nos 15 primeiros dias de viagem, logo que os africanos se davam conta que não poderiam retornar para África, a depressão os acometia. No entanto, havia também outras formas de resistência individuais, como greve de fome e suicídio. Essas formas de resistência ocorriam em função da expectativa que tinham de um destino tenebroso no além-mar.

Outro temor durante as viagens e nos portos africanos eram os tubarões. Os corpos e restos mortais atraíam esses predadores que acompanhavam os navios. Os capitães tinham um zelo por sua tripulação evitando jogar os corpos de seus marujos mortos ao mar, pois sempre que tinham condições preferiam enterrar seus companheiros de trabalho. Já em relação aos escravos não se tinha essa preocupação. Os negros mortos tinham seus corpos lançados ao mar e acabavam dilacerados pelos animais. Como descreve Marcus Rediker:

Os capitães dos navios negreiros usavam deliberadamente os tubarões para infundir o terror durante toda a viagem. Eles contavam com os tubarões para evitar deserções de seus marinheiros e a fuga de escravos durante as longas permanências na costa africana para recolher a “carga” humana. (REDIKER, 2011, p. 48)

Em África, os africanos escravizados eram trocados por armas de fogo, pólvora, tabaco e aguardente, entre outros produtos. As armas de fogo propiciaram o fortalecimento de estados fortes que passaram cada vez mais subjugar outras sociedades e transformar seus guerreiros derrotados em escravos. Como argumenta Marcus Rediker:

Grupos maiores adquiriam armas e pólvora muitas vezes se tornavam estados fortes, centralizados e militaristas (Axante, Daomé, Oyo, Congo e as cidades-estados do Níger, por exemplo) que usavam as armas de fogo para subjugar seus vizinhos, os quais, naturalmente forneciam o próximo comboio de escravos a ser trocado pelo próximo engradado de mosquetes. Nas áreas onde o tráfico de escravos se fazia de maneira mais extensa, surgiu uma nova divisão do trabalho em que se especializaram as tarefas de captura, manutenção e transporte de escravos. Os comerciantes se tornaram poderosos enquanto classe, passando a controlar alfândegas, impostos, preços e o fluxo dos escravos. O número de escravos capturados e a importância da escravidão como instituição nas sociedades africanas aumentaram com o tráfico de escravos do Atlântico. (REDIKER, 2011, p. 86 e 88)

O tempo de viagem influenciava o número de mortes, por exemplo, perdia-se mais cativos embarcados em Moçambique para o Rio de Janeiro do que da região de Congo-Angola, já que as viagens que partiam de Moçambique duravam até 76 dias, enquanto que da costa Ocidental durava média de 33 a 40 dias.

De acordo com as estimativas encontradas no *site Slave Voyage*, o número total de africanos embarcados e desembarcados nos principais portos brasileiros de 1601 a 1875 foi 5.446.180 referente ao embarque e 4.792.954 referente ao desembarque. As embarcações levavam a bandeira de Portugal ou do Brasil. Abaixo apresento a tabela que está disponível no banco de dados do *Slave Voyage*:

	Portugal / Brasil		Totais	
	Embarcados	Desembarcados	Embarcados	Desembarcados
1601-1625	183.766	156.181	183.766	156.181
1626-1650	162.791	138.598	162.791	138.598
1651-1675	235.303	202.405	235.303	202.405
1676-1700	294.101	259.029	294.101	259.029
1701-1725	473.973	420.811	473.973	420.811
1726-1750	534.002	467.852	534.002	467.852
1751-1775	526.925	475.014	526.925	475.014
1776-1800	670.655	621.156	670.655	621.156
1801-1825	1.123.313	1.006.435	1.123.313	1.006.435
1826-1850	1.232.539	1.038.574	1.232.539	1.038.574
1851-1875	8.812	6.899	8.812	6.899
Totais	5.446.180	4.792.954	5.446.180	4.792.954

Números de escravizados embarcados nas regiões africanas para o Brasil em navios com bandeira portuguesa e brasileira. Tabela do Banco de Dados do *site Slave Voyages*. Disponível em: <http://slavevoyages.org/assessment/estimates> Acesso em: janeiro de 2017.

O motivo que levou os traficantes a buscarem cativos na África Oriental foi o acordo entre Portugal e Inglaterra no ano de 1815 que proibiu o comércio de escravos ao sul do Equador. Desta forma, o comércio negreiro nas regiões do Congo-Angola estava abolido. Apesar da abolição, alguns traficantes ainda iam à região adquirir escravos, mas os riscos eram maiores, já que se encontrasse um navio inglês toda a carga, inclusive os escravizados, e a embarcação eram aprisionados pelos oficiais ingleses. Em função, dessa conjuntura a África Oriental consolidou-se como principal fonte abastecedora para o Brasil a partir do final da segunda década do século XIX.

O avanço tecnológico empregado na melhoria dos barcos tornaram as viagens mais curtas e, conseqüentemente, a mortalidade dos cativos diminuiu, como apontam Florentino, Ribeiro e Silva (2004, p. 110 e 112).

(...) diminuição da mortalidade no mar entre fins do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX. (...) sugere, sobretudo para o caso do Rio de Janeiro, que o decréscimo da mortalidade pode ter sido caudatário da queda na duração da travessia oceânica, possivelmente relacionada a mudanças no padrão tecnológico dos barcos da época e ao incremento da participação de pequenas naus, em princípio mais velozes, pertencentes a traficantes não especializados que buscavam lucrar com o grande aumento da demanda depois da abertura dos portos coloniais ao comércio internacional.

Os portugueses aperfeiçoaram o veleiro e construíram o galeão de três mastros para realizarem a navegação de cabotagem ao longo da costa africana. De modo geral, entre 1400 e 1700, os europeus puderam desbravar os mares e conquistar outros povos em função de duas tecnologias empregadas: o canhão e as velas.

(...) quando velas e armas foram introduzidas e remadores e soldados substituídos por tripulações menores e eficientes. Tocando a energia humana pela força das velas, criou-se uma máquina dotada de mobilidade, velocidade e poder destrutivos inéditos. (REDIKER, 2011, p. 51)

As embarcações mais utilizadas no tráfico negreiro eram a caravela, a corveta, o bergantim, o galeão, o brigue e a escuna. De acordo com o historiador Jaime Rodrigues (2008, p. 169), até o final do século XVIII, as caravelas foram utilizadas no transporte de escravizados. Já na virada do século XVIII para o XIX, nas rotas entre Angola e o Rio de Janeiro eram utilizados a corveta, o bergantim ou o galeão.

Analisando a lista de viagens apresentada no *site Slave Voyage*, os principais navios escolhidos como tumbeiros de 1817 a 1840 eram: a escuna, o brigue e o bergantim. É importante lembrar que o governo brasileiro firmou um tratado com os ingleses e que a partir de 13 de março de 1830 estava abolido formalmente o tráfico de escravos. No entanto, na prática o tráfico ainda acontecia, principalmente porque havia procura, devido a expansão do cultivo de café. Embarcações mais ágeis foram importantes neste período, pois o temor dos traficantes era encontrar-se com a marinha inglesa. Devido à pressão da esquadra inglesa no mar, a preferência era por embarcações mais velozes, como argumenta o historiador Jaime Rodrigues:

Embora os bergantins carregassem menos escravos devido às suas limitações espaciais, eles eram mais velozes – ou mais veleiros, como se dizia no linguajar marítimo do século XIX. Essa característica poderia ser um dos fatores que levava as embarcações de dois mastros (brigues, escunas, patachos, sumacas e bergantins) a estarem entre os tipos prediletos para o comércio negreiro no período da repressão mais intensa promovida pelos ingleses. (RODRIGUES, 2008, p. 173)

Os portugueses, a partir do século XV, construíram feitorias, fortes e presídios que serviram de entrepostos comerciais nos negócios de compra e venda de escravos. É importante destacar que esses alteraram o comércio de cativos preexistente no continente africano. Os portugueses passaram a utilizar a violência para obter cativos, já que capturavam os africanos por meio de sequestros. Além, dessas construções oficiais da coroa portuguesa, havia outros locais para a compra de cativos, como apresenta Jaime Rodrigues:

(...) onde os traficantes se instalavam e nos quais, via de regra, negociavam carregamentos diretamente com os soberanos africanos na época do tráfico legal ou que serviam como esconderijo camuflado na era da ilegalidade. Esses lugares – barracões ou feitorias privados – que muitos africanos escravizados vindos do interior tinham seus primeiros contatos com os europeus ou americanos que os levariam através do atlântico. (RODRIGUES, 2008, p. 63)

Estes barracões poderiam ser construídos com pedras ou madeiras. Havia na África ocidental barracões gigantescos que abrigavam mais de 6 mil cativos. Estes estabelecimentos eram bons para os traficantes, pois conseguiam a quantidade de escravos que precisavam de uma só vez, desta forma diminuía o tempo da viagem e a perda de “mercadorias” no trajeto. Vários funcionários eram responsáveis em manter o funcionamento dos barracões, como apresenta Jaime Rodrigues:

(...) o “gerente” do barracão e seus principais auxiliares – que, no caso dos grandes traficantes, eram um contador-caixa, um distribuidor de carne, um tanoeiro que abastecia o lugar de água e madeira, dois ou três cozinheiros, um barbeiro ou cirurgião, um interprete, um “gritador” que funcionava como elo entre os povoadores e os negreiros, dois encarregados dos negócios, um guardião com cinco ou seis homens robustos responsáveis por policiar os barracões dia e noite, uma espécie de jardineiro encarregado dos cuidados com as cercas de arbustos e da fabricação de conservas e salgas de alimentos. (RODRIGUES, 2008, p. 64-65)

O tráfico contribuiu para uma acumulação de riquezas baseada na dor e sofrimentos de outros seres humanos. E foi este mesmo negócio que produziu a “raça”, como argumenta Marcus Rediker, referindo-se aos que viajavam nos navios negreiros, mas podemos também estender aos mecanismos que permeiam o tráfico como um todo:

Ao produzir trabalhadores para as plantações, o navio-fábrica também produzia “raça”. (...) os capitães carregavam no navio um ajuntamento multiétnico de africanos que no porto das Américas iriam se tornar “negros” ou de “raça negra”. Assim, a viagem transformava todos os que a faziam. A prática da guerra, da prisão e da produção de força de trabalho e de raça – tudo isso se baseava na violência. (REDIKER, 2011, p. 18)

Conclusão

A criação de um jogo sobre o tráfico de escravizados teve como objetivo levar aos alunos um conhecimento sobre um passado tenebroso na História da Humanidade. A partir deste conhecimento, acredito que será possível uma reflexão sobre preconceitos e racismo que afetam a população negra. Parte desta violência se deve ao desconhecimento desta história de sofrimento.

A construção da ideia de raça e a depreciação dos negros na nossa sociedade esta intrinsecamente ligada a um processo perverso de escravização de indivíduos, em função da necessidade de mão de obra para setores produtivos voltados aos mercados externos no Brasil e na América como um todo. Em nome da ganância as pessoas se dispunham a tratar as outras como objetos, mercadorias que faziam parte de um negócio.

Não podemos deixar de falar sobre o tráfico, pois suas sequelas ainda estão na nossa sociedade. A escravidão acabou oficialmente há 128 anos, no entanto, as raízes do pensamento escravista ainda permeiam os ambientes sociais.

Ao estudar grandes atrocidades cometidas no passado sempre me lembro de uma frase que as vezes aparece em redes sociais atribuída ao historiador Peter Burke e que diz: a função do historiador ser o de lembrar a sociedade aquilo que ela quer esquecer. Por isso, acredito que não podemos nos esquecer daqueles que sofreram um dos destinos mais cruéis, sendo arrancados de suas terras, atravessando o oceano num ambiente fétido, escuro e pequeno e chegando à América para reescrever suas histórias de sofrimentos e de resistência.

Referências Bibliográficas

COSTA e SILVA, Alberto. A escravidão entre os africanos. **A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p. 79-132.

ELTIS, David. Um breve resumo do tráfico transatlântico de escravos. In: **The Transatlantic Slave Trade Database. Voyages**. A travessia do Atlântico. Disponível em: <http://slavevoyages.org/assessment/essays#> Acesso em: janeiro de 2017.

FIALHO, Neusa N. Os Jogos Pedagógicos como Ferramentas de Ensino. In: **Anais do VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR - EDUCERE**. Curitiba: Champagnat, 2008. p. 12298-12306.

Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/293_114.pdf Acesso em: janeiro de 2017.

FLORENTINO, Manolo; RIBEIRO, Alexandre Vieira; SILVA, Daniel Domingues. Aspectos comparativos do tráfico de africanos para o Brasil (séculos XVIII e XIX). **Revista Afro-Ásia**. nº. 31, 2004, p. 83-126. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31_3_aspectos.PDF Acesso em: janeiro de 2017.

HENRIQUES, Joana Gorjão. Cabo Verde, um hipermercado de escravos. **Público**. 09/06/2016. Disponível em: <https://www.publico.pt/mundo/noticia/de-cabo-verde-a-angola-na-rota-da-escravatura-em-cinco-paises-1729858> Acesso em: janeiro de 2017.

LIMA, Jailma; SILVA, Marcelo M.; SOARES, Lígia M.C; SOUZA, Lucélia S. O lúdico no ensino de História: a utilização de jogos didáticos no ensino médio. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal, Rio Grande do Norte, 22 a 26 de julho de 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371767866_ARQUIVO_artigoanpuh2013LigiaeMarcelo.pdf Acesso em: janeiro de 2017.

MATTOS, Hebe. O Ensino da História e a Luta Contra a Discriminação Racial no Brasil. In: Martha Abreu; Rachel Soihet. (Org.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 127-139.

REDIKER, Marcus. **O navio negreiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

RODRIGUES, Jaime. **De costa a costa**. Escravos e tripulantes no tráfico negreiro. (Angola - Rio de Janeiro, 1780-1860). Campinas, 2008. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, Luzinete Santos da. Análise de protonarrativas de estudantes acerca do tráfico negreiro na perspectiva da educação histórica. In: **Anais do Congresso Internacional de História**. Novas epistemes e narrativas contemporâneas. 27 a 29 de setembro de 2016. Universidade Federal de Goiás. Disponível em:

http://www.congresso2016.congressohistoriajatai.org/resources/anais/6/1478386278_ARQUIVO_Artigo2-

[AnalisesdeprotonarrativasdeestudantesacercadotraficonegreironaperspectivadaEducacaoHistorica.pdf](#) Acesso em: janeiro de 2017.

Apêndice - Imagens e textos das peças do jogo Dominó histórico: tráfico de vidas para o Brasil

Os tubarões seguiam os navios negreiros através do Atlântico, alimentando-se vorazmente de corpos de marujos e principalmente escravos, que morriam e eram atirados ao mar. Capitães de navios negreiros usaram os tubarões para amedrontar a tripulação e os escravos.



Peça 1

Os tubarões seguiam os navios negreiros através do Atlântico, alimentando-se vorazmente de corpos de marujos e principalmente escravos, que morriam e eram atirados ao mar. Capitães de navios negreiros usaram os tubarões para amedrontar a tripulação e os escravos. (REDIKER, Marcus. **O navio negreiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011.)

Barracão de escravos, Serra Leoa, década de 1840 (News, The Illustrated London, 1849). Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Places/34> Acesso em: janeiro de 2017.

Os barracões de escravos eram comuns em vários pontos de embarque de escravos na costa africana. Estes barracões poderiam ser construídos com pedras ou madeiras. Devido ao ambiente insalubre, estes estabelecimentos eram péssimos para os escravizados, mas eram bons para os traficantes, pois conseguiam a quantidade de escravos que precisavam de uma só vez, desta forma diminuíam o tempo da viagem e perda de cativos no trajeto. A imagem, em gravuras em preto e branco, mostra um barracão com telhado de palha cheio de escravos acorrentados pelo pescoço e pelas mãos, em Serra Leoa, década de 1840.



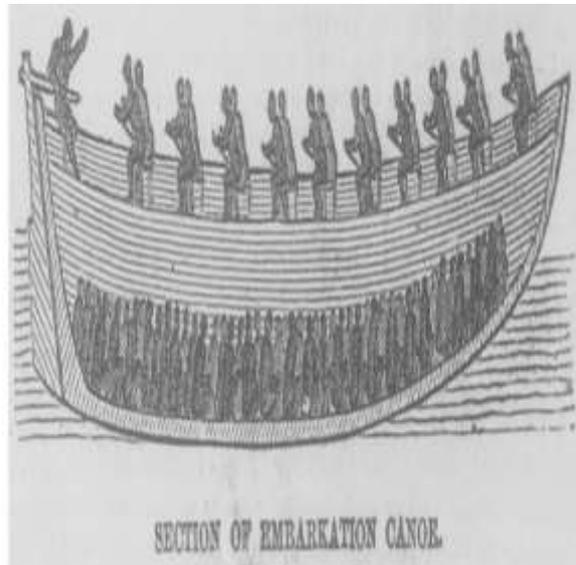
Peça 2

Os barracões de escravos eram comuns em vários pontos de embarque de escravos na costa africana. A imagem, em gravuras em preto e branco, mostra um barracão cheio de escravos acorrentados pelo pescoço e pelas mãos. O Illustrated London News descreve uma batida da força naval britânica em barracões de escravos em Serra Leoa, em fevereiro de 1849, evento ao qual esta imagem está associada. O texto relata também a flagelação

como uma ocupação frequente nos barracões, uma prática que resultava muitas vezes em mortes. (apud slave voyages) Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Places/34> Acesso: janeiro de 2017.

H.M.S. "Rifleman" Perseguindo o Negreiro "Esmeralda" (News, The Illustrated London, 1850). Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Vessels/4> Acesso em: janeiro de 2017.

Desde 1816, a Inglaterra fazia acordos com os governantes que administravam o Brasil, com o objetivo de abolir o tráfico negreiro. Em 1845, o governo inglês aprovou uma lei chamada Bill Aberdeen que autorizou apreensão de navios negreiros nos portos brasileiros, confisco de mercadorias e pena de morte aos infratores. A imagem representa o navio britânico "Rifleman" (direita) perseguindo o navio negreiro Esmeralda (esquerda). Porém o navio negreiro conseguiu escapar e descarregou escravos na costa do Rio de Janeiro. De acordo com relatos esta era a primeira vez que um navio escapava quando observado pelo Rifleman.



Peça 3

A imagem representa o navio britânico "Rifleman" (direita) perseguindo o navio negreiro Esmeralda (esquerda). Uma matéria de The Illustrated London News, fonte desta imagem, relata a tentativa do navio britânico "Rifleman" de interceptar o Esmeralda ao largo da costa do Brasil. Porém o navio negreiro conseguiu escapar e descarregou escravos na costa do Rio de Janeiro. apud Slave Voyages. Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Vessels/4> Acesso em: janeiro de 2017.

Seção de Canoas para Transportar Escravos, Serra Leoa, c.1840 (News, The Illustrated London, 1849). Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Vessels/2> Acesso em: janeiro de 2017.

Na África Ocidental, as canoas eram o principal veículo para o transporte de escravos da costa até o navio transatlântico. Estes navios não poderiam chegar muito próximo à costa pelo risco de encalhar, por isso a necessidade de canoas. Na década de 1840, em Serra Leoa, essas canoas tinham capacidade para 200 escravos no porão. A imagem é de uma canoa para transportar escravos em Serra Leoa, 1840.

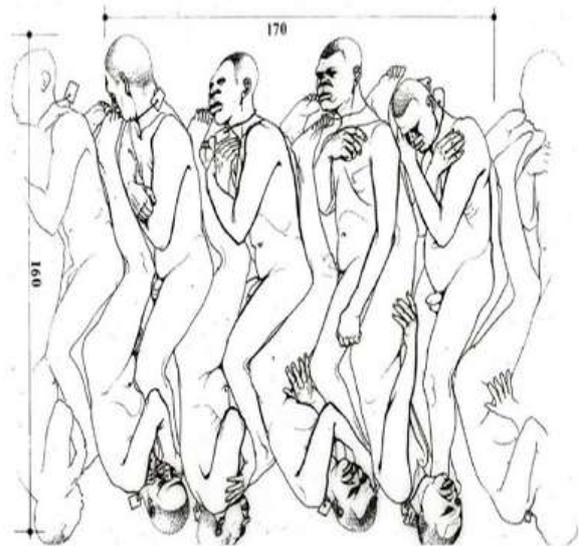


Peça 4

Na África Ocidental, as canoas eram o principal veículo para o transporte de escravos da costa até o navio transatlântico. Segundo *The Illustrated London News*, na década de 1840, em Serra Leoa, essas canoas tinham capacidade para 200 escravos no porão. As dimensões dessas canoas eram de “cerca de 40 pés de comprimento, 12 de largura e sete ou oito de profundidade”. apud *Slave Voyages*. Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Vessels/2> Acesso em: janeiro de 2017

Revolt Aboard Slave Ship, 19th cent. (Laporte, 1883). Disponível em: [http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=55&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=55&recordCount=78) Acesso em: janeiro de 2017.

Apesar da vigilância e opressão havia revoltas dentro dos navios. Na imagem os escravizados rendem um marujo. Os africanos não aceitaram serem escravizados de forma pacífica por isso, as rebeliões a bordo dos navios não era algo incomum.



Peça 5

Body Positions of Slaves on the Slave Ship *Aurore*, 1784 (Boudriot, 1784). Disponível em: [http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=8&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=8&recordCount=78) Acesso em : janeiro de 2017.

Posição dos corpos de escravos no navio negroiro *Aurore*, em 1784. A imagem é a reconstrução da posição conhecida como "colher", em que os escravos eram mantidos no porão do navio escravista francês. Optando por este tipo de posição, os navios conseguiam levar mais escravos em seus decks. No entanto, devido ao mínimo espaço a chance de doenças eram maiores. Essa imagem mostra a crueldade dos traficantes para obterem mais lucros.

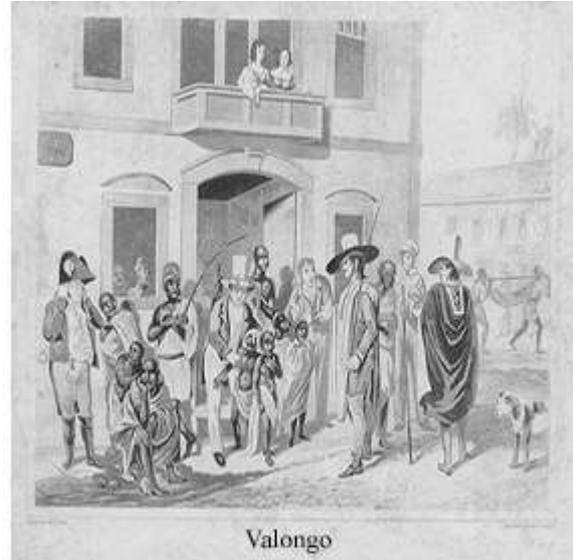


Peça 6

European Trading Posts at Savi, 1720s (Labat, 1731). Disponível em: <http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=4&categoryName=European%20Forts%20and%20Trading%20Posts%20in%20Africa&theRecord=5&recordCount=56> Acesso em: janeiro de 2017.

Artist's reconstruction of "spoon" position in which slaves were kept in the hold of the French slaving vessel. (apud [slaveryimages](http://slaveryimages.org)) Disponível em: [http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=8&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=8&recordCount=78) Acesso em : janeiro de 2017.

Ajudá ou Uidá foi o maior porto de embarque de escravos no golfo do Benim, e por um breve período, no início do século XVIII, tornou-se o principal porto negreiro do tráfico transatlântico. Ajudá era a capital do antigo reino de Huedá, cujo porto era conhecido pelos europeus como Sabi, Savi ou Xavier. Várias nações europeias tinham estabelecimentos comerciais ali, e o tráfico de escravos prosperou no reino de Huedá até o início do século XVIII. Em 1727, o rei do Daomé conquistou Ajudá e o tráfico de escravos diminuiu momentaneamente, mas o porto continuou ativo até a década de 1860, perpetuando o nome de Ajudá como um importante porto no tráfico de escravos transatlântico. A imagem mostra uma ilustração de Ajudá no auge do tráfico de escravizados na década de 1720. Observem as feitorias europeias à esquerda e ao centro, o Palácio Real à direita, e a cidade no alto.



Peça 7

Ajudá ou Uidá foi o maior porto de embarque de escravos no golfo do Benim, e por um breve período, no início do século XVIII, tornou-se o principal porto negreiro do tráfico transatlântico. Ajudá era a capital do antigo reino de Huedá, cujo porto era conhecido pelos europeus como Sabi, Savi ou Xavier. Várias nações europeias tinham estabelecimentos comerciais ali, e o tráfico de escravos prosperou no reino de Huedá até o início do século XVIII. Em 1727, o rei do Daomé conquistou Ajudá e o tráfico de escravos diminuiu momentaneamente, mas o porto continuou ativo até a década de 1860, perpetuando o nome de Ajudá como um importante porto no tráfico de escravos transatlântico. A imagem mostra uma ilustração de Ajudá no auge do tráfico de escravos na década de 1720. Observem-se as feitorias europeias à esquerda e ao centro, o Palácio Real à direita, e a cidade no alto. apud *Slave Voyages*. Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Places/19> Acesso: janeiro 2017.

Valongo, c. 1820 (Graham, 1824). Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Places/23> Acesso em: janeiro de 2017.

O Valongo era o maior mercado de escravos do Rio de Janeiro, sendo o porto que mais recebeu escravos nas Américas. No século XIX, parte dos escravos negociados neste mercado permanecia no Rio de Janeiro, enquanto que a outra parte era revendida para mercados do interior. A imagem do mercado do Valongo foi publicada no diário de Maria Graham, uma inglesa que visitou o Brasil no início da década de 1820.



Peça 8

Valongo, o maior mercado de escravos no Rio de Janeiro, Brasil, foi o porto que recebeu mais escravos nas Américas. No século XIX, parte dos escravos negociados neste mercado permanecia no Rio, mas outra parte era revendida para mercados do interior brasileiro. A imagem é de uma vista do mercado do Valongo publicada no diário de Maria Graham, uma inglesa que visitou o Brasil no início da década de 1820. (apud slave voyages) Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Places/23> Acesso em: janeiro de 2017.

Disponível em: <https://pixabay.com/pt/tambor-africano-percuss%C3%A3o-151600/> Acesso em: janeiro de 2017.

Em Cabo Verde, um dos pontos importantes da rota dos navios negreiros no oceano Atlântico, a população desenvolveu técnicas de resistência ao domínio português utilizando o tambor como meio de comunicação. Ao ouvir o som do tambor, as pessoas sabiam que estavam correndo perigo de serem capturadas e tornarem-se escravas. O tambor acabou sendo proibido pelos portugueses nesta região, e esta seria a origem da prática cultural do uso do corpo em substituição do tambor pelas mulheres cabo-verdianas.



Peça 9

Deck of Slave Ship, Jamaica, 19th cent. (Reid, 1864). Disponível em: [http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=56&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=56&recordCount=78) Acesso em: janeiro de 2017.

Os mercadores de escravos utilizavam artimanhas para enganar os compradores de escravos. Os africanos que sobreviviam à viagem chegavam aos portos das Américas com uma aparência física lamentável. Assim para parecerem mais saudáveis os traficantes usavam óleos em suas peles. Na imagem vemos um cativo, sendo banhado por um marinheiro que com uma escova esfrega na sua pele uma mistura de pólvora, suco de limão e óleo de palma. Tratados como uma mercadoria estes cativos tem seu corpo polido como uma bota recém-enegrecida.



Peça 10

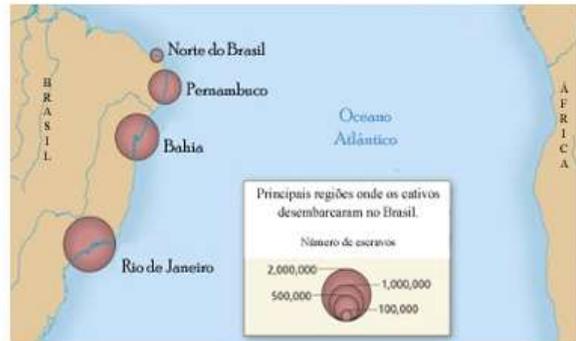
Caption reads: "Of this mixture [gunpowder, lemon-juice, and palm oil,] the unresisting captive received a coating, which by the hand of another sailor, was rubbed into the skin, and then polished with a 'danby-brush,' until the sable epidermis glistened like a newly-blacked boot" (p. 28). A novel written many years after the end of the slave trade, the scene depicted here shows the deck of a slave ship as it anchors in Jamaica, when the slaves were being prepared for sale. They were brought up on the top deck. "Each individual, as he came up the hatchway, was rudely seized by a sailor, who stood by with a soft brush in his hand and a pail at his feet; the latter containing a black composition of gunpowder, lemon-juice, and palm-oil. Of this mixture the unresisting captive received a coating which, by the hand of another sailor, was rubbed in the skin, and polished with a danby-brush" until the sable epidermis glistened like a newly-blacked boot. . . . It was not the first time those unfeeling men had assisted at the spectacle of a slaver's cargo being made ready for market" (apud slavery images)

Disponível em:

[http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=56&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=56&recordCount=78) Acesso em: janeiro de 2017.

Africans Rescued from a Slave Ship, East Africa, 1869 (Sullivan, 1873). Disponível em: [http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=70&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=70&recordCount=78) Acesso em: janeiro de 2017.

Na imagem, grupo de africanos, homens e meninos, resgatados do navio negreiro Dhow, no século XIX. Cerca de 156 homens e meninos foram resgatados pelo Daphne, um navio naval britânico que cruzava a costa da África Oriental. Na época, os ingleses capturavam os navios e enviavam os africanos escravizados novamente para regiões africanas, como a Serra Leoa. Isto fez com que parte dos escravizados resgatados dos navios não conseguiram retornar para as suas sociedades, por terem sido enviados a portos distantes do seu local de origem.

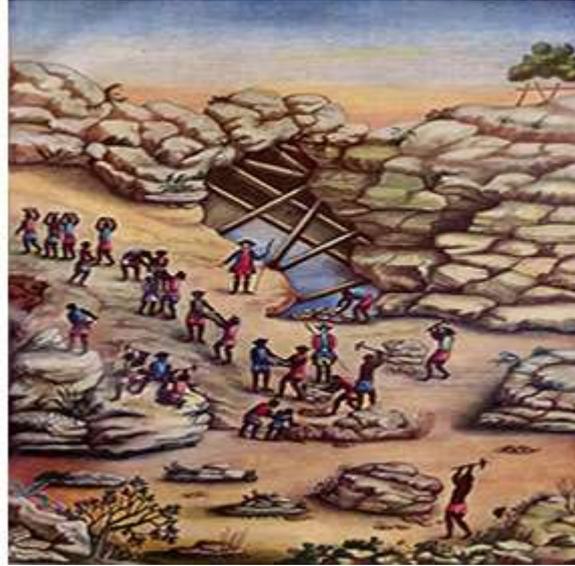


Peça 11

Caption, "Group of Negro men and boys taken out of captured Dhow in state of starvation." About 156 men and boys were rescued from this dhow by the Daphne, a British naval vessel cruising the East African coast. The original of this photo was taken in 1869 and is located in the The National Archives, London (Public Record Office), FO 84/1310. The brief Graphic article accompanying this image, taken from Sullivan's book, describes how "on the bottom of the dhow was a pile of stones as ballast, and on these stones, without even a mat, were twenty-three women huddled together, one or two with infants in their arms; these women were literally doubled up, there being no room to sit erect; and on a bamboo deck, about three feet above the keel, were forty-eight men, crowded together in the same way, and on another deck above, there were fifty-three children. Some of the slaves were in the last stages of starvation and dysentery" (apud slavery images) Disponível em: [http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=70&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=70&recordCount=78) Acesso em: janeiro de 2017.

Países e regiões do mundo atlântico que organizaram viagens negreiras, por volume de cativos transportados da África. Disponível em: <http://slavevoyages.org/assessment/intro-maps> Acesso em: janeiro de 2017.

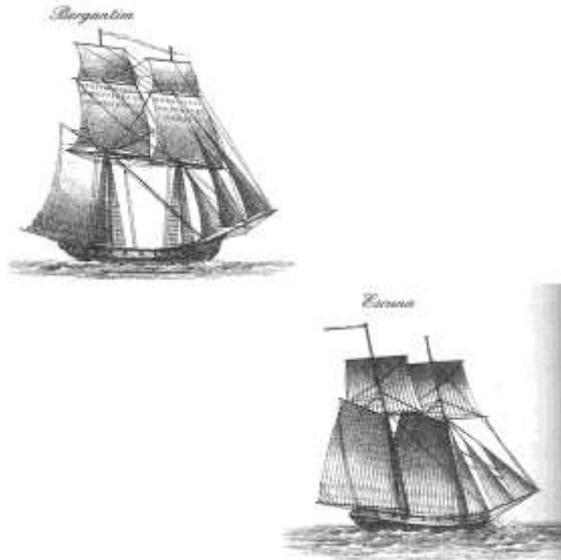
No Brasil, as principais regiões de entrada de escravizados foram Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Norte do Brasil. Até a segunda metade do século XVIII os baianos eram os grandes responsáveis pela entrada de cativos no Brasil. A partir de 1710 o tráfico atlântico para a Bahia, mas especificamente Salvador enfrentou uma série de dificuldades. Porém a maior dificuldade enfrentada pelos baianos foi a entrada do Rio de Janeiro no comércio negreiro. Em pouco tempo os traficantes do Rio de Janeiro tornaram-se os maiores abastecedores de cativos para o Brasil.



Peça 12

Diamond Mining, Brazil, ca. 1770s (Juliao, 1960). Disponível em: <http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=10&categoryName=Miscellaneous%20Occupations%20and%20Economic%20Activities&theRecord=45&recordCount=97> Acesso em: janeiro de 2017.

Os escravizados comprados em África iam para as lavouras de cana de açúcar e, logo após a descoberta do ouro e do diamante, entre o final do século XVIII e início do XIX, eram destinados à mineração nas regiões que atualmente compõem o estado de Minas Gerais. Já no século XIX, os escravizados eram enviados principalmente para as lavouras de café. Na imagem grupos de escravos envolvidos em várias fases da mineração de diamantes, incluindo quebrar pedras grandes, supervisionado (vigiado) pelos europeus, na década 1770.

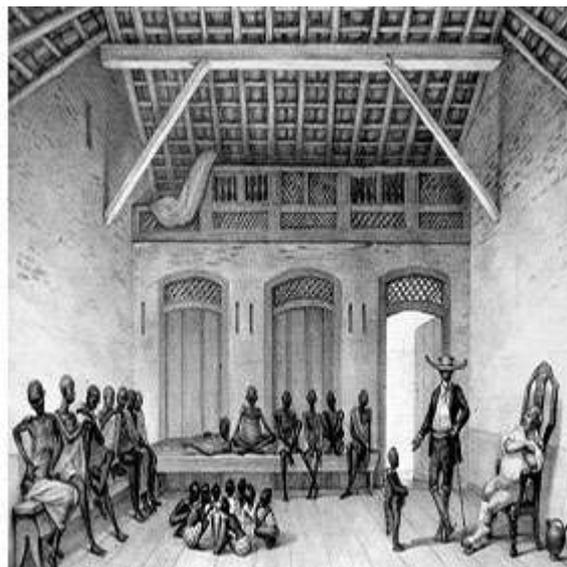


Peça 13

Groups of slaves engaged in various phases of diamond mining, including breaking large stones, supervised/guarded by Europeans. (apud slavery images) Disponível em: <http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=10&categoryName=Miscellaneous%20Occupations%20and%20Economic%20Activities&theRecord=45&recordCount=97> Acesso em: janeiro de 2017.

REDIKER, Marcus. **O navio negreiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

Era comum o uso de embarcações menores, como a escuna, muito utilizada na época do tráfico ilegal pela agilidade. A bordo das escunas, capitães cumpriam a viagem em menos tempo, dessa forma, o risco de cruzar com um navio inglês era menor. Embarcações maiores, como o bergantim foi muito utilizado na virada do século XVIII para o XIX, nas rotas entre Angola e o Rio de Janeiro.



Peça 14

Era comum o uso de embarcações menores no tráfico de escravos, como a chalupa e a escuna, bastante populares entre os comerciantes norte-americanos, embarcações maiores, de dois mastros, como bergantim (e o brigue, em inglês snow ou snauw). (apud, REDIKER, Marcus. **O navio negroiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011.)

Slave Market, Rio de Janeiro, Brazil, 1816-1831 (Debret, 1834-39). Disponível em: <http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=6&categoryName=Slave%20Sales%20and%20Auctions:%20African%20Coast%20and%20the%20Americas&theRecord=29&recordCount=75> Acesso em: janeiro de 2017.

O ambiente insalubre dos navios negreiros fez com que muitos cativos chegassem aos portos do Brasil doentes. Por isso, antes de serem vendidos os escravos passavam por um período de quarentena. Logo após, este período para cura das doenças ficavam expostos em galpões para compradores. Na imagem, adultos ao longo de bancos, crianças brincando no chão e dois europeus presentes.

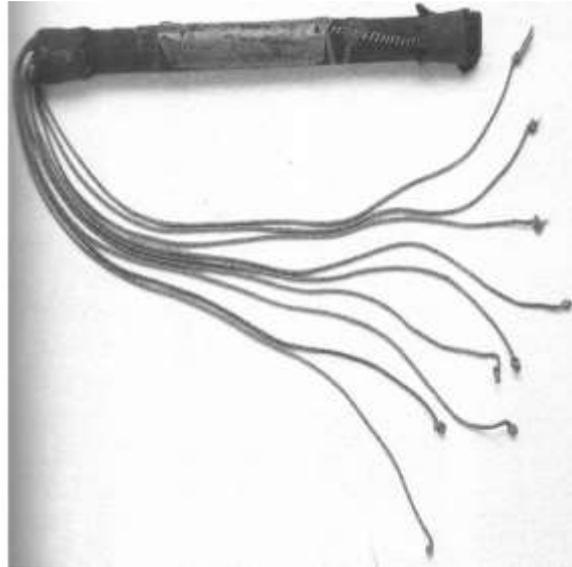


Peça 15

Caption, "Boutique de la Rue du Val-Longo"; shows slaves in a building on the street of the slave market in Rio de Janeiro; adults ranged along benches, children playing on floor; two Europeans present. (apud slavery images) Disponível em: <http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=6&categoryName=Slave%20Sales%20and%20Auctions:%20African%20Coast%20and%20the%20Americas&theRecord=29&recordCount=75> Acesso em: janeiro de 2017.

Slave Market on the African Coast, early 18th cent. (Van der Aa, 1729). Disponível em: <http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=6&categoryName=Slave%20Sales%20and%20Auctions:%20African%20Coast%20and%20the%20Americas&theRecord=10&recordCount=75> Acesso em: janeiro de 2017.

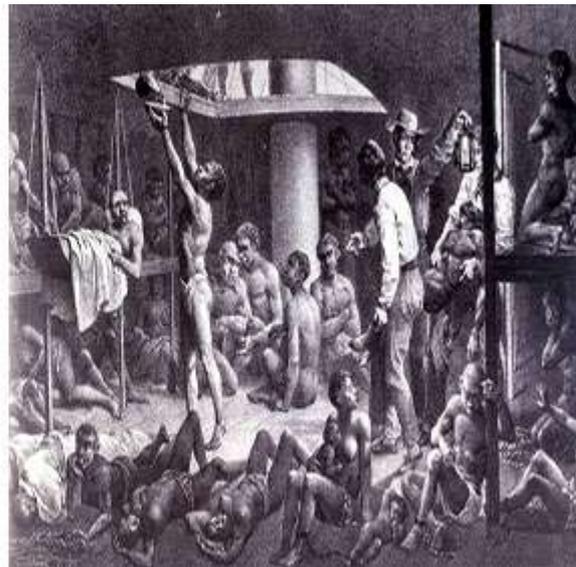
Os europeus não adentravam ao território africano, mas sim faziam negócios com os comerciantes locais para obter escravos. Os traficantes europeus ao chegarem a costa ocidental africana se adaptaram ao comércio que as sociedades realizavam de produtos como o sal, o ouro, a noz de cola e também de escravizados. Na imagem, vemos os europeus negociando a compra de escravos na costa africana.



Peça 16

REDIKER, Marcus. **O navio negroiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011→

O "gato" era usado para fazer as pessoas circularem pelos conveses, para "empilhá-las" no convés inferior e puni-las por toda e qualquer infração, desde a recusa a alimentar-se até as tentativas de insurreição. As nove tiras com nós serviam para lacerar a carne e aumentar a dor de quem estava sendo açoitado.



Peça 17

O "gato" era usado para fazer as pessoas circularem pelos conveses, para "empilhá-las" no convés inferior e puni-las por toda e qualquer infração, desde a recusa a alimentar-se até as tentativas de insurreição. As nove tiras com nós serviam para lacerar a carne e aumentar a dor de quem estava sendo açoitado. (REDIKER, Marcus. **O navio negroiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011.)

Enslaved Africans in Hold of Slave Ship, 1827 (Rugendas, 1835). Disponível em: [http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=15&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=15&recordCount=78) Acesso em: janeiro de 2017.

(apud slave voyages)

Fosse qual fosse o caminho percorrido, as condições a bordo refletiam o status de excluídas que marcava as pessoas aprisionadas no porão. Nenhum europeu — fosse condenado, servo temporário ou imigrante livre miserável — jamais foi submetido ao ambiente que recebia o escravo africano típico no momento de embarque. Eram separados por sexo, mantidos nus, amontoados, sendo os homens acorrentados por longos períodos. Nada menos do que 26 por cento das pessoas a bordo eram classificadas como crianças, um índice do qual nenhuma outra migração anterior ao século XX sequer se aproximou. Na imagem vemos os africanos (homens, mulheres e crianças) amarrados no porão do navio negreiro.

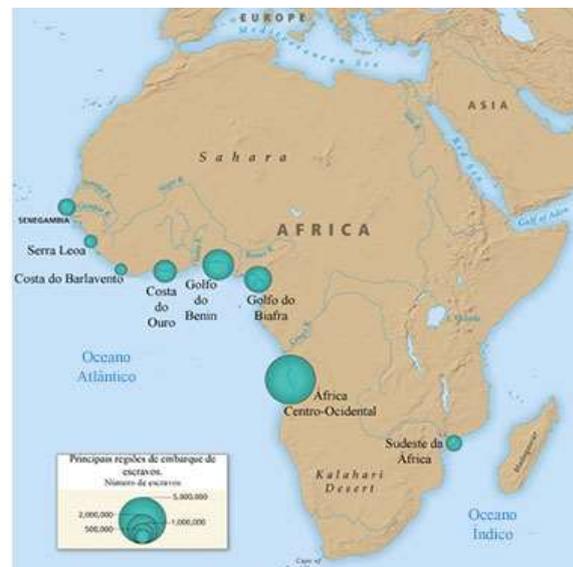


Peça 18

Fosse qual fosse o caminho percorrido, as condições a bordo refletiam o status de excluídas que marcava as pessoas aprisionadas no porão. Nenhum europeu — fosse condenado, servo temporário ou imigrante livre miserável — jamais foi submetido ao ambiente que recebia o escravo africano típico no momento de embarque. Eram separados por sexo, mantidos nus, amontoados, sendo os homens acorrentados por longos períodos. Nada menos do que 26 por cento das pessoas a bordo eram classificadas como crianças, um índice do qual nenhuma outra migração anterior ao século XX sequer se aproximou. Disponível em: <http://slavevoyages.org/assessment/essays#> Acesso em: janeiro de 2017.

Disponível em: <https://blogdojuarezsilva.wordpress.com/tag/africa/> Acesso em: janeiro de 2017.

O tempo de viagem influenciava o número de mortes, por exemplo, perdia-se mais cativos embarcados em Moçambique para o Rio de Janeiro do que da região de Congo-Angola, já que as viagens que partiam de Moçambique duravam até 76 dias, enquanto que as do porto de Luanda, na costa ocidental durava média de 33 a 40 dias. O motivo que levou os traficantes a buscarem cativos na África Oriental foi o acordo entre Portugal e Inglaterra no ano de 1815 que proibiu o comércio de escravos ao sul do Equador. Desta forma, o comércio negreiro nas regiões do Congo-Angola estava abolido.



Peça 19

Principais regiões costeiras de onde os cativos partiam da África, todos os anos. Disponível em: <http://slavevoyages.org/assessment/intro-maps> Acesso em: janeiro de 2017.

As principais regiões de embarque de africanos para o Brasil, foram: Senegambia, Costa do Ouro/ Costa da Mina, Golfo do Benim, Golfo do Biafra, África Centro-Ocidental (Congo/ Angola) e sudeste da África (Moçambique).



Peça 20

Africans Forced to Dance on Deck of Slave Ship, early 19th cent. (Grehan, 1837). Disponível em: [http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=12&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=12&recordCount=78) Acesso em: janeiro de 2017.

Os capitães e médicos acreditavam que o exercício era essencial para a saúde dos escravos a bordo do navio. Por isso organizavam sessões diárias de danças no convés, de que participavam escravos de ambos os sexos, acompanhados às vezes de música, embora mais frequentemente de chicotes que os imediatos à esquerda e à direita dos cativos, usavam para fazer os homens se mexerem.



Peça 21

Os capitães e médicos acreditavam que o exercício era essencial para a saúde dos escravos a bordo do navio. Por isso organizavam sessões diárias de danças no convés, de que participavam escravos de ambos os sexos, acompanhados às vezes de música, embora mais frequentemente de chicotes que os imediatos à esquerda e à direita dos cativos, usavam para fazer os homens se mexerem. REDIKER, Marcus. **O navio negroiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

Arab Slavers Attacking Village, 1880s (Wissman, 1891). Disponível em: <http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=3&categoryName=Capture%20of%20Slaves%20and%EF%BF%BD%EF%BF%BD%20Coffles%20in%20Africa&theRecord=8&recordCount=43> Acesso em: janeiro de 2017.

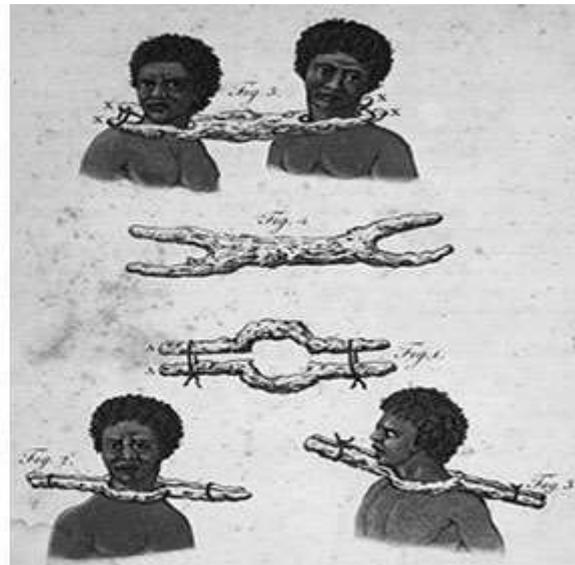
A necessidade de cada vez mais escravos por parte dos europeus, aumentou as guerras entre os povos africanos. Já que a troca de escravos por armas era extremamente rentável. Podemos dizer que os europeus mudaram a lógica do sistema de escravidão em África. Na imagem temos árabes atacando uma tribo, com o objetivo de conseguir escravos.



Peça 22

Africans Thrown Overboard from a Slave Ship, Brazil, ca. 1830s. Disponível em: [http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20\(Middle%20Passage\)&theRecord=74&recordCount=78](http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=5&categoryName=Slave%20Ships%20and%20the%20Atlantic%20Crossing%20(Middle%20Passage)&theRecord=74&recordCount=78) Acesso em: janeiro de 2017.

Era comum marujos dos navios negreiros jogarem cativos mortos ou muito doentes no mar. Na imagem temos cativos vivos jogados, pois o capitão da embarcação avaliou que não conseguiriam vender nos mercados brasileiros. Então, para não ter que pagar impostos por escravos que acreditava que não dariam lucro, simplesmente os descartavam, jogando-os no mar. O escravo para estes traficantes eram simplesmente mercadoria. Este tipo de imagem foi publicada em várias obras abolicionistas para denunciar a crueldade do tráfico de escravos.



Peça 23

REDIKER, Marcus. **O navio negroiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011.)

Com aumento do número de navios negreiros que apareciam na costa da África Ocidental, em meados do século XVIII, a área de captura de escravos se expandia interior adentro resultando em marchas mais longas até o mar. Instrumentos de contenção eram utilizados e ajudavam os comerciantes a controlar e conduzir comboios até os navios.



1. Pólvora 2. Tabaco 3. Bacamarte, século XVII

Peça 24

À medida que, no século XVIII, aumentava o número de navios negreiros que apareciam na costa da África Ocidental, a área de captura de escravos se expandia interior adentro, resultando em marchas cada vez mais longas até o mar. Estes instrumentos de contenção ajudavam os comerciantes a controlar e conduzir os comboios rumo aos navios. (REDIKER, Marcus. **O navio negreiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011.)

Pólvora. Disponível em: <http://www.eusoucurioso.com/origem-da-polvora-e-quem-inventou/> Acesso em: janeiro de 2017.

Tabaco. Disponível em: <https://blogdonarguile.com/2014/01/18/fumo-de-narguile-essencia-de-narguile-composicao/> Acesso em: janeiro de 2017.

Arma. Disponível em: <http://seguindopassoshistoria.blogspot.com.br/2013/03/os-bandeirantes.html> Acesso em: janeiro de 2017.

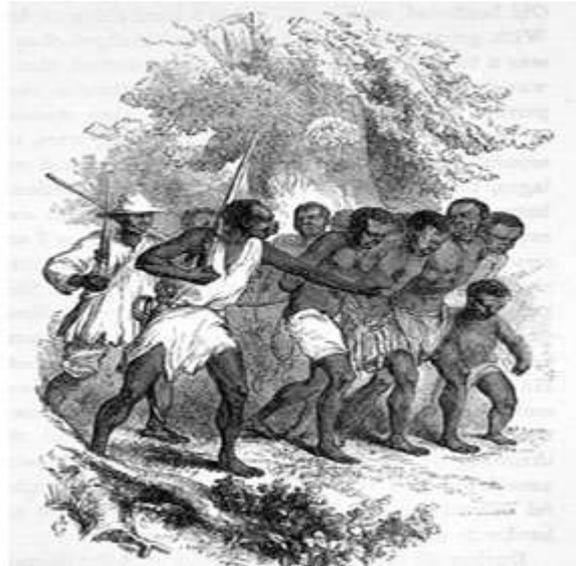
Em África, os africanos escravizados eram trocados por armas de fogo, pólvora, tabaco e aguardente, entre outros produtos. As armas de fogo propiciaram o fortalecimento de estados poderosos que passaram cada vez mais subjugar outras sociedades e transformar seus guerreiros derrotados em escravos. Estados fortes, centralizados e militaristas como, Axante, Daomé, Oyo, Congo e as cidades-estados do Níger, por exemplo, usavam armas de fogo para subjugar outros povos, os quais seriam trocados por engradado de mosquetes.

	Portugal / Brasil		Totais	
	Embarcados	Desembarcados	Embarcados	Desembarcados
1601-1625	183.766	156.181	183.766	156.181
1626-1650	162.791	138.598	162.791	138.598
1651-1675	235.303	202.405	235.303	202.405
1676-1700	294.101	259.029	294.101	259.029
1701-1725	473.973	420.811	473.973	420.811
1726-1750	534.002	467.852	534.002	467.852
1751-1775	526.925	475.014	526.925	475.014
1776-1800	670.655	621.156	670.655	621.156
1801-1825	1.123.313	1.006.435	1.123.313	1.006.435
1826-1850	1.232.539	1.038.574	1.232.539	1.038.574
1851-1875	6.812	6.899	6.812	6.899
Totais	5.446.180	4.792.954	5.446.180	4.792.954

Peça 25

Tabela do Banco de Dados do *site Slave Voyages*. Disponível em: <http://slavevoyages.org/assessment/estimates> Acesso em: janeiro de 2017.

De acordo com as estimativas encontradas no site Slave Voyage, o número total de africanos embarcados e desembarcados nos principais portos brasileiros de 1601 a 1875 foi 5.446.180 referente ao embarque e 4.792.954 referente ao desembarque. As embarcações levavam a bandeira de Portugal ou do Brasil. Desta forma, é importante mencionar que o Brasil foi um dos países que mais recebeu cativos africanos.



Peça 26

Captured Africans Taken to the Coast (either Nigeria, 1853 or Liberia/Sierra Leone, 1840) (Abbeokuta, 1853). Disponível em: <http://slaveryimages.org/details.php?categorynum=3&categoryName=Capture%20of%20Slaves%20and%EF%BF%BD%EF%BF%BD%20Coffles%20in%20Africa&theRecord=32&recordCount=43> Acesso em: janeiro de 2017.

Comerciantes do interior levando um grupo de pessoas escravizadas para a costa africana. Com o aumento de navios negreiros na costa, é necessário adentrar cada vez mais para o interior do continente para abastecer a necessidade de mão de obra para as atividades econômicas na América, como lavouras de açúcar e algodão, por exemplo, e extração de ouro. Os africanos que escolhiam os escravos que ficariam no continente e aqueles que seriam vendidos para o tráfico. Na imagem temos homens e crianças escravizadas, mas é importante deixar claro que os africanos tinham preferência por vender adultos do sexo masculino.



Peça 27

Forte Santo Antônio de Axim, c.1700 (Astley 1745-1747). Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Places/18> Acesso em: janeiro de 2017.

Durante a era do tráfico de escravos transatlântico, os europeus construíram várias fortalezas e castelos ao longo da Costa do Ouro, atual Gana. Eles foram construídos em sua maioria no século XVII, quando a concorrência pelo comércio marítimo entre as potências europeias tornou-se intensa. Esta imagem é do forte de Santo António de Axim, na Costa do Ouro, no início do século XVIII. Ela mostra o forte cercado de rochas, que funcionavam como uma defesa natural contra as ondas mais fortes, e a aldeia africana de Achombene atrás dele. A inserção no canto superior esquerdo do mapa indica algumas das principais características da região. No início do século XVIII, o forte pertencia aos holandeses que disputava o tráfico da Costa do Ouro com os ingleses e com os portugueses.



Peça 28

Durante a era do tráfico de escravos transatlântico, os europeus construíram várias fortalezas e castelos ao longo da Costa do Ouro, atual Gana. Eles foram construídos em sua maioria no século XVII, quando a concorrência pelo comércio marítimo entre as potências europeias tornou-se intensa. Esta imagem é do forte de Santo António de Axim, na Costa do Ouro, no início do século XVIII. Ela mostra o forte cercado de rochas — que funcionavam como uma defesa natural contra as ondas mais fortes — e a aldeia africana de Achombene atrás dele. A inserção no canto superior esquerdo do mapa indica algumas das principais características da região. No início do século XVIII, o forte pertencia à Geotroyeerde Westindische Compagnie — GWIC (Companhia das Índias Ocidentais holandesa), que disputava o tráfico da Costa do Ouro com os ingleses e os portugueses. (apud *slave voyages*) Disponível em: <http://slavevoyages.org/resources/images/category/Places/18> Acesso em: janeiro de 2017.

REDIKER, Marcus. **O navio negroiro**. Uma história humana. São Paulo: Cia das Letras, 2011.)

Parte II – Material Didático

Apresentação das fotos do jogo Dominó Histórico: tráfico de vidas da África para o Brasil, após uma partida.



Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4

Parte III: Portfolio

Reescrita da Carta de Intenção

Ao lembrar minhas memórias que tocam na temática ligada ao curso me remeto ao ensino fundamental, pois a leitura de um livro chamado: “Pretinha, eu” me fez sentir empatia pelo drama sofrido pela protagonista. Uma aluna pobre matriculada numa escola elitista que não havia um único negro. Este livro, aos doze anos me fez pensar como as pessoas poderiam ser tão maldosas e intolerantes por conta da cor da pele de uma pessoa. E isso sempre me fez ficar indignada no cotidiano com casos que via de racismo. No ano que li o livro, o autor visitou o colégio que estudava e deu uma palestra, onde contava sua história e a dificuldade de ser negro no Brasil.

Quando adolescente tive contato com o punk, um movimento cultural que questiona a sociedade atual, através da música, roupas e literatura. Nesta época fiquei ainda mais revoltada com os casos de preconceitos, pois não entrava na minha cabeça uma sociedade que não respeitava as diversidades. E foi este movimento que me despertou o interesse em fazer a graduação de História, pois queria compreender como chegamos nesta sociedade atual e combater valores tão preconceituosos.

Em 2011 me formei em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e após um ano comecei a trabalhar como professora de História na rede estadual de Minas Gerais. No começo tomei um choque, pois a prática foi bem diferente da teoria que estava familiarizada.

Em 2014 trabalhei em um colégio e faltando uns três meses para o dia da consciência negra a supervisora nos apresentou um projeto do governo, onde todos os professores deveriam trabalhar nas suas disciplinas elementos da cultura africana. Este projeto me despertou a necessidade deste tema na minha aula, pois até então só trabalhava a África, a partir da escravidão. Isso se deve também, por que durante a graduação não tive contato com nenhuma matéria que abordava a História da África sobre outra perspectiva que não fosse a partir da escravidão, nem Egito tivemos no curso. Então, esse projeto me mostrou o quanto precisava mudar minhas práticas quanto ao tema. O trabalho que propus aos alunos foi pesquisar sobre a culinária africana e qual a influência desta, na culinária brasileira. Os meninos pesquisaram e fizemos alguns cartazes de pratos típicos africanos e afrodescendentes e no final montamos um livro de receitas. No entanto, tive outro choque de realidade, pois me

faltava conhecimento teórico para trabalhar o tema com eles e o período foi curto para me preparar melhor.

No ano de 2015 comecei a trabalhar numa escola com alunos de uma realidade social muito violenta. Nesta escola notei uma total falta de perspectiva dos alunos, tanto que as turmas do ensino médio eram pequenas e do ensino fundamental extremamente cheias, ou seja, a maioria dos alunos abandonavam o colégio e nem sequer chegavam a terminar o nível básico de ensino. Outro ponto que notei foi que as turmas de ensino fundamental tinham em sua grande maioria alunos negros, enquanto que no ensino médio este número diminuía drasticamente, chegando ao ponto desse quadro se inverter.

Essa realidade que me deparei me incomodou muito e fiquei pensando o que fazer para tentar mudar este quadro. Além disso, queria trabalhar elementos da cultura africana, pois neste novo ambiente este tema era extremamente necessário. Os meninos e meninas se sentiam inferiores e acreditavam que o melhor padrão de beleza era o do branco. Como professora notava esse quadro quando falavam que o meu cabelo, por ser liso era bom e o delas, alunas, era ruim por ser crespo. E sempre que elas diziam isso mostrava que o cabelo delas era lindo e não tinha porque dizer aquilo, mas saía arrasada por vê-las acreditando que eram inferiores.

Em maio consegui trazer no colégio com a ajuda de outros professores o Educarte que é um projeto que traz elementos da cultura HIP HOP, como break (dança), o grafite e as rimas para a escola. A ideia era mostrar o empoderamento dos negros, através das artes. A recepção foi boa, mas muitos alunos não compareceram, mas aqueles que vieram adoraram. E durante o ano busquei reafirmar o papel de importância do negro na sociedade. No entanto, ainda assim me deparava com casos de racismo dos próprios negros.

No segundo semestre de 2015, um professor que estava lecionando no colégio comentou sobre a pós e ali vi a oportunidade de estudar a História da África e dessa forma, buscar sanar a minha limitação no conteúdo. Em pouco tempo o curso me abriu os olhos sobre este continente tão vasto e pouco conhecido, por mim. E o que fui aprendendo comecei a repassar para meus alunos. E neste ano de 2016 comecei a trabalhar elementos da cultura africana, para tentar mostrar para eles uma África rica e diversa e contrapor essa ideia de estudar a África, a partir da escravidão. Estou desenvolvendo uma metodologia com todo o conhecimento que venho adquirindo e espero realmente contribuir para mostrar uma outra visão de África e desconstruir os preconceitos dos alunos.



Capa do livro

Sinopse:

Caro e tradicional, o Colégio Harmonia nunca teve uma criança negra entre seus alunos. Até o dia em que Vânia ganha uma bolsa de estudos do dono da escola. Diante desse 'escândalo', a sala do 6º ano torna-se o campo de uma batalha covarde. Todos os alunos se unem contra Vânia pelo fato de ela ser negra e pobre. O diretor e os professores, então, mobilizam-se em uma cruzada contra a discriminação.

Repensando a aprendizagem: leituras críticas a partir da práxis

A escolha pela pós em História da África ocorreu em função, deste tema não ter sido abordado nas disciplinas de graduação. Ao ministrar aulas sobre o tema sentia um desconforto, devido ao meu despreparo. Desta forma, buscando informação sobre o assunto me matriculei na pós. Do início do curso, até o presente momento, já elaborei várias aulas com base no conhecimento adquirido durante o mesmo.

Nas aulas ministradas até o presente momento variados assuntos despertaram meu interesse e me fizeram desconstruir certas ideias a respeito da África, como por exemplo, a visão eurocêntrica de olhar o continente, a partir de grandes impérios, como no caso do Egito. Além, de olhar a África, como objeto, ou seja sua História relacionada, a partir da Europa.

As representações sobre a África apresentou o surgimento de teorias como afrocentrismo, em oposição ao eurocentrismo. Essa teoria inverteu a lógica eurocêntrica para valorizar os negros. E o pan-africanismo que marca a efervescência anti-colonial. Outro ponto que destaco são os movimentos políticos e culturais: nos EUA, o Harlem; na França, o Negritude e no Brasil a Frente Negra. Movimentos de grande importância para discutir a questão do negro na sociedade.

As aulas sobre Memória, identidade e cultura escolar e a Prática Pedagógica e Ensino de História da África foram de grande importância para repensar a prática escolar e me tirar do automático, ou seja, África, a partir da escravidão. Ao trabalhar com livros didáticos e o próprio PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), vemos que alguns assuntos priorizados não têm tanta importância, mas estão em todos os livros didáticos. Como por exemplo, citou uma professora, ao lembrar das capitânicas hereditárias que durou somente vinte anos, mas está presente em todos os livros e é quase uma blasfêmia não falar sobre o assunto nas aulas. No entanto, a África antes do contato com os europeus é abordada em alguns livros e mesmo assim, de forma bem sucinta. É nítido como, as seleções de memória partem deste caráter eurocêntrico e se manifestam no PCN. A pós nos leva a quebra esse ciclo vicioso de ensinar a História, a partir desse olhar eurocêntrico. Ensinar sobre África é necessário e importante, já que a nossa história tem relação direta com a história desse continente.

Já quando o assunto era a Oralidade, Narrativas e Temporalidades, a aula sobre Griots e Dogon, e a preservação da História através da oralidade me despertou grande interesse. A importância da palavra e como o conhecimento não se perde, sendo até melhor preservado, pois muitos documentos escritos sucumbiram a ação do tempo. Nossa sociedade, apesar de

utilizar mais a fala, no entanto dá mais importância a escrita, visto, por exemplo, que próprio conceito de História é definido, a partir da invenção da escrita.

A pós em História da África está sendo muito importante para minha formação, como professora. Já que durante a graduação senti falta de matérias que fossem voltadas para o ensino de história nas escolas. Analisando de uma forma geral posso dizer que me sinto mais realizada ao ensinar meus alunos. Claro que tenho muito que aprender, mas com certeza estou me questionando e revendo minha prática, a fim de não reforçar estereótipos e tentar desconstruir preconceitos.

Proposta Pedagógica

Esta proposta pedagógica busca desenvolver uma sequência didática sobre os Griots e a oralidade, sendo direcionado aos alunos do 7º ano dos anos finais do ensino fundamental.

Na primeira aula irei fazer uma sondagem com os alunos sobre o que estes sabem sobre o continente africano. Para problematizar a questão do estereótipo a respeito da África apresentarei para os alunos um pequeno vídeo retirado youtube: a África que nunca vimos, ou que ninguém nos mostra. Neste vídeo apresenta logo no início fome, doenças e pobreza elementos que estão sempre ligados ao imaginário sobre o continente. Logo em seguida, apresenta alguns monumentos, impérios e metrópoles que fizeram e fazem parte da história africana. A ideia é refletir com eles, como o imaginário sobre a África é marcado por preconceitos.

Já na segunda aula irei propor uma reflexão sobre como é importante conhecer o passado e a cultura dos povos africanos, pois muitos dos nossos costumes têm origem na África como: vocabulário, comidas e danças, por exemplo. Não podemos falar em povo brasileiro sem nos remeter a África.

Desta forma, irei estudar com os alunos os contos dos Griots. Explicarei a importância dos Griots para os africanos e como até hoje sua figura é importante na África. Além disso, como a palavra é importante para estes povos, pois através da tradição oral se preservou a história da África. Muitas das informações que hoje temos da História da África antes dos europeus é graças ao trabalho dos Griots. Para os alunos entenderem melhor a função do Griot na sociedade africana apresentarei o texto: Griot. Ao fim irei fazer perguntas sobre o texto.

Na terceira aula irei fazer o papel de Griot e contar para a turma, algumas histórias. Logo em seguida os alunos deverão responder perguntas sobre os contos. Ao todo serão três contos: os Griots, Ananse e Os segredos da nossa casa.

Na quarta aula os alunos deverão ter lido o quadrinho de Will Eisner, Sundiata: uma lenda africana- o leão do Mali. Este quadrinho conta a história da fundação do Império Mali, sendo sua lenda um exemplo da tradição oral. Este quadrinho tem disponibilizado na internet. Após a leitura, os alunos irão comentar sobre a história e escrever um pequeno texto do que chamou mais a atenção no quadrinho, além da importância dos griots para essa história ter chegado aos dias atuais. Ao fim, desta aula os alunos irão levar para casa o mapa da África para colorir e depois através do mapa do Império Mali, identificar quais países da África ocupam hoje o antigo império Mali.

Na quinta aula irei fazer um paralelo entre o papel do Griots e o do rap, já que alguns estudos apontam a tradição oral como influenciadora deste estilo musical. Com base nos textos, contos e discussões em sala os alunos deverão fazer um rap sobre a África. Nesta aula exibirei um vídeo chamado: African griots live. O vídeo é uma apresentação dos Griots músicos. No outro vídeo temos um grupo de rap chamado Z'afrika Brasil que canta a musica Raiz de Glória. Os dois vídeos tem função de contribuir, a fim de facilitar a criação da letra pelos alunos.

Na sexta e última aula os alunos irão apresentar sua letras e por fim conversar sobre o aprendizado destas aulas sobre os Griots e a oralidade em África.

Material de apoio: proposta pedagógica

Griot

Você sabia que na tradição africana são os griots e não os livros que transmitem a história de um povo ao longo dos tempos?! Na tradição africana, o griot é aquele responsável pela manutenção da tradição oral dos povos, pois ele é um contador de histórias em torno do qual as pessoas se reúnem para aprenderem sobre si e sobre o mundo.

Numa cultura oral como a africana, o griot conserva a memória coletiva. Por isso, é costume dizer na África que quando morre um ancião é uma biblioteca que desaparece! A figura do griot tem uma enorme importância na conservação da palavra, da narração, do mito. Na prática, eles funcionam como escritores sem papel nem pena.

Os griots registram oralmente aquilo que consideram importante permanecer na memória e no coração dos seus familiares e conterrâneos, no sentido de manter a sua própria identidade e das suas raízes, fundamentada, em grande parte, no seu passado e nos seus predecessores.

Os griots são os guardiões, intérpretes e cantores da História oral de muitos povos africanos. Todos eles possuem uma função social bastante semelhante e de grande relevância. Os griots cantam a história épica da África e os mitos dos diferentes povos, ou elogiam os méritos dos heróis e personagens do passado, geralmente acompanhados por instrumentos musicais, como a kora ou o xilofone.

No passado, os griots eram contratados por reis e príncipes para enaltecerem as suas qualidades com cânticos durante as cerimônias sociais. Todavia, também sabiam criticar os seus mecenas com fina ironia (que nem todos, certamente, compreendiam...). Pelo papel social que desempenhavam na corte, os griots gozavam de grande prestígio entre a sociedade tradicional africana.

Eram imensamente estimados pelas suas capacidades musicais e poéticas, recebendo boa remuneração pelo seu trabalho. Mas também eram temidos, porque se pensava que dominavam certos poderes ocultos. Há relatos de que quando morriam, não eram sepultados, sendo o seu cadáver colocado dentro do tronco oco de uma árvore e coberto com ramos, para que os seus restos não contaminassem a terra com os poderes mágicos.

Bibliografia

Disponível em <[http://www.ruadireita.com/musica/info/griots-os-interpretes -musicais-da-historia-africana/](http://www.ruadireita.com/musica/info/griots-os-interpretes-musicais-da-historia-africana/)> acessado em 18 mai 2011.

SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil africano. Ed. Ática, São Paulo, 2006.

SILVA, Alberto da Costa e. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 943 p.

<http://estudandoocontinenteafricano.blogspot.com.br/2011/07/griot.html>

Contos Griot

Os Griots

Depois de um bom jantar, com a lua brilhando, as pessoas de uma aldeia na África antiga podem ouvir o som de um tambor, chocalho, e uma voz que gritava: "Vamos ouvir, vamos ouvir!" Esses foram os sons do griot, o contador de histórias.

Quando eles ouviram o chamado, as crianças sabiam que estavam indo para ouvir uma história maravilhosa, com música e dança e música! Talvez hoje a história seria sobre Anansi, a aranha. Todo mundo adorava Anansi. Anansi podia tecer as teias mais bonitas. Ele foi quem ensinou o povo de Gana como tecer o pano de lama bonito. Anansi teve uma boa esposa,

filhos fortes, e muitos amigos. Ele entrou em muita confusão, e usou sua inteligência e poder do humor para escapar.

Houve outras histórias que o povo gostava de ouvir mais e mais. Algumas histórias eram sobre a história da tribo. Alguns eram grandes guerras e batalhas. Algumas eram sobre a vida cotidiana. Não havia linguagem escrita na África antiga. Os narradores acompanhavam a história do povo.

Havia geralmente apenas um contador de histórias por aldeia. Se uma vila tentava roubar um contador de histórias de outra aldeia, era motivo de guerra! Os contadores de histórias foram importantes. Os griots não eram as únicas pessoas que podiam contar uma história. Qualquer um poderia gritar: "Vamos ouvir, vamos ouvir!" Mas os griots eram os "oficiais" contadores de histórias. O griot de uma aldeia não tem que trabalhar nos campos, pois sua tarefa era contar histórias.

Mil anos mais tarde, novas histórias sobre novos triunfos e novas aventuras ainda estão sendo informados à aldeia pelos Griots.

Ananse

Ananse, ou Anansi, é uma lenda africana. Conta um caso interessante, no qual no mundo antigo não havia histórias e por isso viver aqui era muito triste.

Houve um tempo em que na Terra não havia histórias para se contar, pois todas pertenciam a Nyame, o Deus do Céu. Kwaku Ananse, o Homem Aranha, queria comprar as histórias de Nyame, o Deus do Céu, para contar ao povo de sua aldeia, então por isso um dia, ele teceu uma imensa teia de prata que ia do céu até o chão e por ela subiu.

Quando Nyame ouviu Ananse dizer que queria comprar as suas histórias, ele riu muito e falou: - O preço de minhas histórias, Ananse, é que você me traga: Osebo, o leopardo de dentes terríveis; Mmboro os marimbondos que picam como fogo e Moatia a fada que nenhum homem viu.

Ele pensava que com isso, faria Ananse desistir da idéia, mas ele apenas respondeu: - Pagarei seu preço com prazer, ainda lhe trago Ianyisiá, minha velha mãe, sexta filha de minha avó.

Novamente o Deus do Céu riu muito e falou: - Ora Ananse, como pode um velho fraco como você, tão pequeno, pagar o meu preço? Mas Ananse nada respondeu, apenas desceu por sua teia de prata que ia do Céu até o chão para pegar as coisas que Deus exigia. Ele correu por toda a selva até que encontrou Osebo, leopardo de dentes terríveis.

- Aha, Ananse! Você chegou na hora certa para ser o meu almoço. - O que tiver de ser será - disse Ananse. - Mas primeiro vamos brincar do jogo de amarrar?

O leopardo que adorava jogos, logo se interessou: - Como se joga este jogo? - Com cipós, eu amarro você pelo pé, depois desamarro, aí, é a sua vez de me amarrar. Ganha quem amarrar e desamarra mais depressa, disse Ananse.

- Muito bem, rosnou o leopardo que planejava devorar o Homem Aranha assim que o amarrasse.

Ananse, então, amarrou Osebo pelo pé, e quando ele estava bem preso, pendurou-o amarrado a uma árvore dizendo: - Agora Osebo, você está pronto para encontrar Nyame o Deus do Céu.

Aí, Ananse cortou uma folha de bananeira, encheu uma cabaça com água e atravessou o mato alto até a casa de Mmboro. Lá chegando, colocou a folha de bananeira sobre sua cabeça, derramou um pouco de água sobre si, e o resto sobre a casa de Mmboro dizendo:

- Está chovendo, chovendo, chovendo, vocês não gostariam de entrar na minha cabaça para que a chuva não estrague suas asas? - Muito obrigado! Zumbiram os marimbondos entrando para dentro da cabaça que Ananse tampou rapidamente.

O Homem Aranha, então, pendurou a cabaça na árvore junto a Osebo dizendo: - Agora Mmboro, você está pronto para encontrar Nyame, o Deus do Céu.

Depois, ele esculpiu uma boneca de madeira, cobriu-a de cola da cabeça aos pés, e colocou-a aos pés de um flamboyant onde as fadas costumam dançar. À sua frente, colocou uma tigela de inhame assado, amarrou a ponta de um cipó em sua cabeça, e foi se esconder atrás de um arbusto próximo, segurando a outra ponta do cipó e esperou. Minutos depois chegou Moatia, a fada que nenhum homem viu. Ela veio dançando, como só as fadas africanas sabem dançar, até aos pés do flamboyant. Lá, ela avistou a boneca e a tigela de inhame. - Bebê de borracha. Estou com tanta fome, poderia dar-me um pouco de seu inhame? Ananse puxou a sua ponta do cipó para que parecesse que a boneca dizia sim com a cabeça, a fada, então, comeu tudo, depois agradeceu: - Muito obrigada bebê de borracha.

Mas a boneca nada respondeu, a fada, então, ameaçou: - Bebê de borracha, se você não me responde, eu vou te bater. E como a boneca continuou parada, deu-lhe um tapa ficando com sua mão presa na sua bochecha cheia de cola. Irritada, a fada ameaçou de novo: - Bebê de borracha, se você não me responde, eu vou lhe dar outro tapa."

E como a boneca continuou parada, deu-lhe um tapa ficando agora, com as duas mãos presas e ainda mais irritada, a fada tentou livrar-se com os pés, mas eles também ficaram presos. Ananse então, saiu de trás do arbusto, carregou a fada até a árvore onde estavam

Osebo e Mmboro dizendo: - Agora Mmoatia, você está pronta para encontrar Nyame o Deus do Céu.

Aí, ele foi a casa de Ianysiá sua velha mãe, sexta filha de sua avó e disse: - Ianysiá venha comigo vou dá-la a Nyame em troca de suas histórias.

Depois, ele teceu uma imensa teia de prata em volta do leopardo, dos marimbondos e da fada, e uma outra que ia do chão até o Céu e por ela subiu carregando seus tesouros até os pés do trono de Nyame. - Ave Nyame! - disse ele: - Aqui está o preço que você pediu por suas histórias: Osebo, o leopardo de dentes terríveis, Mmboro, os marimbondos que picam como fogo e Moatia a fada que nenhum homem viu. Ainda lhe trouxe Ianysiá minha velha mãe, sexta filha de minha avó.

Nyame ficou maravilhado, e chamou todos de sua corte dizendo: - O pequeno Ananse, trouxe o que pedi por minhas histórias, de hoje em diante, e para sempre, elas pertencem a Ananse e serão chamadas de histórias do Homem Aranha! Cantem em seu louvor!

Ananse, maravilhado, desceu por sua teia de prata levando consigo o baú das histórias até o povo de sua aldeia, e quando ele abriu o baú, as histórias se espalharam pelos quatro cantos do mundo vindo chegar até aqui.

Os segredos de nossa casa

Certo dia, uma mulher estava na cozinha e, ao atizar a fogueira, deixou cair cinza em cima do seu cão.

O cão queixou-se: — A senhora, por favor, não me queime!

Ela ficou muito espantada: um cão a falar! Até parecia mentira... Assustada, resolveu bater-lhe com o pau com que mexia a comida.

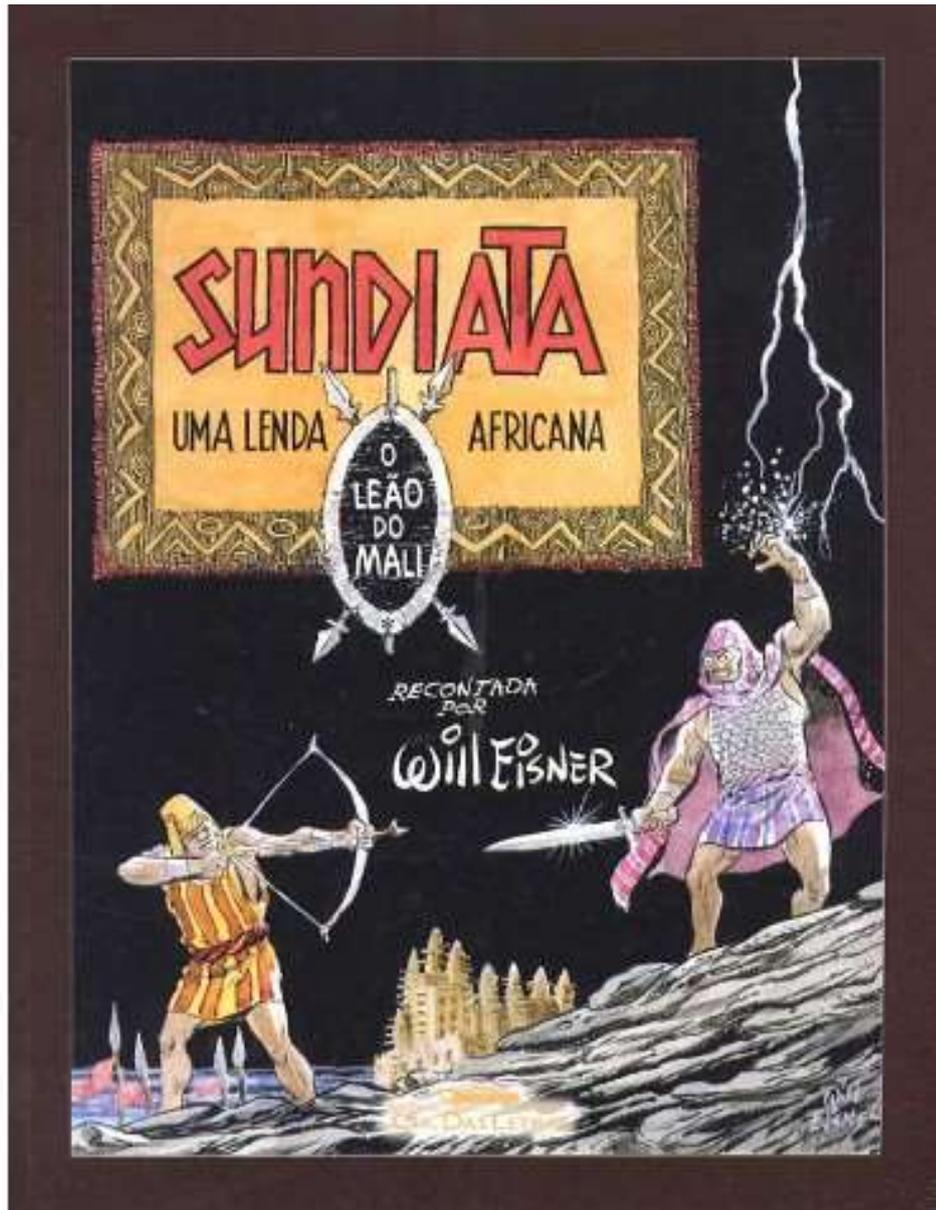
Mas o pau também falou: — O cão não me fez mal. Não quero bater-lhe!

A senhora já não sabia o que fazer e resolveu contar às vizinhas o que se tinha passado com o cão e o pau.

Mas, quando ia sair de casa a porta, com um ar zangado, avisou-a: — Não saias daqui e pensa no que aconteceu. Os segredos da nossa casa não devem ser espalhados pelos vizinhos.

A senhora percebeu o conselho da porta. Pensou que tudo começara porque tratara mal o seu cão. Então, pediu-lhe desculpa e repartiu o almoço com ele.

Comentário: é fundamental sabermos conviver uns com os outros, assegurar o respeito.



Capa do quadrinho

Sinopse:

O autor e cartunista Will Eisner, conhecido por adaptar uma série de obras literárias para a linguagem dos quadrinhos, mostra neste livro a tradicional história do oeste da África, transmitida oralmente de gerações a gerações desde o século XIII. A lenda, que descreve a luta do príncipe Sundiata e do povo de Mali contra a opressão do poderoso rei de Sasso, também é uma fábula sobre a vitória da sabedoria e da sinceridade sobre o poder destrutivo da ganância.

Considerações Finais

Escrever este portfólio foi um grande aprendizado, pois a escrita de si mesmo, me proporcionou uma viagem. Já que voltei ao passado, revi meu presente e buscarei um futuro mais engajado em minhas aulas ao tratar do tema. O curso como havia escrito antes me proporcionou olhares diferentes para trabalhar o ensino de África em sala de aula. Antes de começar o curso havia uma dificuldade enorme em trabalhar o tema com os alunos, por não ter esta base na universidade, durante a graduação. A partir, do início das aulas, montar os planos de aulas tornou-se uma tarefa mais fácil, pois tive contato com materiais, como por exemplo, livros e filmes, além da indicação de muitos autores.

A dinâmica de trazer diferentes professores das mais variadas instituições do Brasil contribuiu para formar uma bagagem de conhecimento bem ampla, além claro, dos módulos que buscou ao máximo abordar a história do continente sobre diferentes temas. Posso dizer que o curso é sim um começo para continuarmos nos aprimorando sobre esta temática.

Saber sobre a história do continente africano também é lutar contra o racismo, pois mesmo com a lei 10.639, ainda temos poucos livros didáticos que abordam a questão africana. No entanto, notamos um aumento, por exemplo, na compra de livros de autores africanos no Brasil. Então, a busca por conhecimento nesta área nos qualifica para formularmos planos de aula e materiais didáticos que possibilitem o entendimento dos alunos. Já que temos que desconstruir o racismo e preconceitos, pois a educação formal ainda segue valorizando de maneira mais consistente os saberes, valores, símbolos e padrões europeus.

Outra preocupação analisando o momento atual é a proposta de retirada da obrigatoriedade do ensino de História da África da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pois haverá um decréscimo nos materiais didáticos e paradidáticos. Desta forma, professores qualificados no tema tem base para seguir trabalhando com os alunos.

Ao analisar a trajetória até aqui, posso dizer que o curso cumpriu e ultrapassou minhas expectativas e com certeza a visão que tenho é bem mais engajada do que antes. Quero sim, mostrar para meus alunos a importância dos africanos e como eles contribuíram de forma positiva para formação do Brasil. Além disso, discutir com os alunos a importância de conhecer a fundo várias culturas e assim evitar o perigo de uma história única, como cita Chimamanda Adichie. Já que ignorar outras culturas gera os mais variados tipos de preconceitos. Ao analisar outra cultura devemos deixar de lado nossas convicções de mundo e nos abrir para compreender o outro e como este lida com sua realidade.

Então, este curso plantou a semente de lutar por mudanças no ensino de História, pois precisamos nos colégios conhecer e discutir sobre as mais variadas culturas e a importância do papel professor nesta transformação das práticas educacionais.